

REVISTA ARTE & ENSAIOS

A conversa dessa mesa focalizou a *Arte & Ensaio*s, organizada pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da Escola de Belas Artes da UFRJ. A revista publica, semestralmente, desde 1994, textos de autores brasileiros e estrangeiros, tanto professores e alunos das diversas linhas do Programa quanto externos a ele. Participaram da mesa, que contou com a mediação do professor Roberto Conduru, editores da revista em vários períodos.



Participantes

Cezar Bartholomeu. Artista. Doutor em linguagens visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ e École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris, mestre em linguagens visuais pela EBA/UFRJ, pós-graduado em história da arte e arquitetura no Brasil pela PUC-Rio e graduado em educação artística (especialização em história da arte) pela Uerj. Coeditor da *Arte & Ensaios* de 2010 a 2017.

Elisa de Magalhães. Artista. Professora do Departamento de Artes Visuais/Escultura da Escola de Belas Artes da UFRJ e do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ. Pós-doutora em artes pelo Programa de Pós-graduação em Estudos Contemporâneos das Artes da UFF e doutora em linguagens visuais pela EBA/UFRJ. Atual coeditora da *Arte & Ensaios*.

Ivair Reinaldim. Curador. Doutor em artes visuais com ênfase em história e crítica da arte pelo Programa de Pós-graduação em Artes Visuais da UFRJ. Professor adjunto do Departamento de História e Teoria da Arte e professor colaborador do Programa de Pós-graduação em Artes Visuais na Escola de Belas Artes da UFRJ. Atual coeditor da *Arte & Ensaios*.

Maria Luisa Tavora. Bacharel com licenciatura em desenho e artes plásticas pela UFRJ, mestre em história da arte pela UFRJ, doutora em história social pela UFRJ e pós-doutora pela École des Hautes Études en Sciences Sociales, Paris. Professora-associada de história



da arte dos cursos de graduação e pós-graduação da Escola de Belas Artes da UFRJ. Coeditora da *Arte & Ensaios* de 2010 a 2017.

Ronald Duarte. Artista e curador. Mestre em história da arte com habilitação em linguagens visuais pela Escola de Belas Artes da UFRJ. Membro do corpo editorial da *Arte & Ensaios*.

Debatedor

Roberto Conduru. Historiador da arte e professor no Instituto de Artes da Uerj.



Ronald Duarte

Recebeu-se uma verba para dar um *upgrade* na revista, e foi feito o número 4, mas, pensando que *Les Demoiselles d'Avignon*, de Picasso, fosse uma imagem de domínio público, publicamos na revista sem pedir autorização. Criou-se um problema enorme; tivemos que recolher as revistas e pedir mil desculpas à Fundação Picasso, que não tinha sido avisada. Foi a primeira exposição da revista, de uma maneira não muito positiva, mas foi quando ela ganhou um vulto maior, pois esses primeiros números só circulavam dentro da instituição, no sétimo andar. Com essa edição, tivemos tiragem e visibilidade maiores, mas, por conta disso, o professor Rogério Medeiros resolveu deixar a editoria da revista.

Sonia Gomes Pereira me desafiou, então, a publicar uma edição dos 180 anos da EBA; se eu conseguisse, editaria a próxima *Arte & Ensaio*s. Na época, eu estava trabalhando como assistente de Lygia Pape, e ela me disse: “essa revista precisa ser reformulada, precisa de um *up*, uma nova marca!” Perguntei “você faz uma nova marca?”, e ela disse que sim. Essa é a primeira, feita em 1998, em que Lygia Pape fez a capa, tanto a parte preta e vermelha como as orelhas, ao contrário, diagramou, fornecendo o modelo para as capas da revista. Havia mudanças dentro da pós-graduação, dentro da escola, novos pensamentos, e a revista tinha um professor *designer*, que é muito querido e tinha pensado em outra marca. Mas ele foi superelegante e cedeu, falando que a de Lygia daria mais visibilidade à revista. Desde então assumimos essa marca, e a revista ganhou mais visibilidade. Foram vários editores: Sônia, Rogério, Cristina Volpi, Glória Ferreira, Paulo Venancio, Ana Cavalcanti, etc. Essa mudança de editores para mim é interessantíssima,



pois são outros ritmos de pensamento, outras velocidades, e é sempre desafiador se atualizar. O editor responsável é a cabeça, e a revista é como um corpo humano; ela precisa de todos os órgãos funcionando, senão dá problema. E, entre os cabeças, um sempre cansa e passa a bola. Essa passagem sempre foi perceptível pela mudança da personalidade, do nível e do espaço de conhecimento. Por exemplo, a influência dos franceses via Glória Ferreira, a influência de Paulo Venancio, de todo o corpo da revista, da indicação para textos inéditos, dos contatos, dos pensamentos paralelos sobre o que está estabelecido na academia. De repente, um traz alguma coisa muito diferente, como Cezar Bartholomeu quando entrou. Maria Luisa percebeu essa mudança: um que trabalhava mais com século XIX, e outro que trabalha com o mundo atualíssimo, fervente. Acompanhar isso tudo é um superprazer; sou apaixonado, sofro com essa revista, perco o sono, faço várias piruetas para que ela aconteça, e agora tivemos um baque enorme com essa mudança, esse golpe, essa palhaçada absurda que está acontecendo no Brasil. O golpe nos atingiu em cheio, muito por questão de verba; tivemos que nos readaptar. Estava achando que eu também não ia continuar, mas a vinda de Ivair e Elisa, com outra forma de pensar, me deu gás, uma vontade de continuar e procurar outras formas de fazer a revista. Fico superagradecido de estar aqui podendo falar sobre isso, mostrar um pouco a história da revista, que chegou ao número 33 e resistiu, aos trancos e barrancos, às dificuldades de tudo: lançamento, verba, pagamento, produção, retorno do artista entrevistado, e dificuldades das relações. Conseguimos vencer isso tudo e estar com a revista bonita e muito enxuta, tocando a bola para frente. Era isso que queria falar. Passo agora para Maria Luisa.



Maria Luisa Tavora

Boa tarde. Ronald é patrimônio da revista. Ele é a liga entre todos esses editores. Eu queria destacar a relação da revista com a formação do mestrado e doutorado, a singularidade de sua organização. Talvez isso explique essa longevidade, porque foi uma revista que, desde Glória, fazia um trabalho muito interessante com uma equipe de estudantes, com responsabilidades bem definidas. Foram quase nove anos, com duas edições por ano, muita atividade, trabalho coletivo, trabalho de formação. Não vai ser o mesmo modelo sempre, vai ser sempre alguma coisa diferente, porque concordamos e afirmamos esse modelo de trabalho como uma atividade paradigmática, de formação. As questões de conteúdo da revista são difundidas, e quando há essa discussão vêm depoimentos, conhecimentos, há uma troca grande entre professores e alunos. Na hora de escolher um artista, tudo o que escolhemos pode ser proposto por qualquer um dos membros da equipe, mas precisa ser justificado. Então, na hora de buscar um artista, certificar-se de sua posição, do lugar dele na arte contemporânea, isso é estudo. É uma formação de caráter informal. Naturalmente, os mestrados entram e saem mais rapidamente, os doutorandos ficam mais tempo e dizem sempre que gostaram e que sentem falta; acham interessantíssimo esse tipo de trabalho porque aprenderam muito. Temos aqui na mesa um novo editor, Ivair Reinaldim, que, quando fez o doutorado, foi o diretor executivo junto com Ronald. Essas missões, responsabilidades relativas a cada um dos segmentos da revista, os contatos que precisam ser feitos, tudo isso é aprendizado para todos nós. Isso era o que me prendia mais, porque é muito trabalhoso. Nós não sermos editores, não termos todo o sistema ajustadinho para ser editora e termos que produzir duas revistas por ano com todas aquelas outras questões, como



uma grande greve, é complicado. Superamos, enfrentamos muitas questões, mas é mais fácil superar porque estamos ali, lado a lado com os alunos, que nos dão força. Considero esse processo uma das singularidades da revista e um de seus pontos de destaque. A outra questão que destaco é a das entrevistas. Nosso curso tem várias linhas e é muito importante esse papel da revista de entrevistar artistas que às vezes têm muito pouco espaço na historiografia oficial, ou mesmo no campo da publicação da crítica. Estamos criando fontes para estudos; há entrevistas aqui que são fundamentais para quem quer pensar a arte no Brasil de forma contemporânea; conseguimos contribuir para quem quer se aproximar e fazer suas articulações. É um material de pesquisa que acho fundamental, muito embora tenhamos uma luta com as avaliações, que muitas vezes colocam em um plano secundário o conteúdo; por exemplo: um livro de entrevista vale menos que um autoral, quando na verdade o objetivo dessas entrevistas é dar visibilidade, sim, sem interesse comercial, o que é raro. A temática é importante, se relacionam. Não sei dizer o que vem primeiro, a temática ou o artista, mas as duas coisas têm que estar integradas. Há momentos em que pensamos primeiro no artista e a partir dele vem a temática; em outros, ao contrário, temos a temática e então vamos pensar; damos uma semana para a equipe ir para casa pensar quais seriam os artistas, e com a limitação, naturalmente, de execução. O artista a ser entrevistado tem que estar no Rio; não temos dinheiro para fazer entrevistas com gente de fora; aproveitamos muito certas permanências e vindas, como foi o caso de Anna Maria Maiolino, que veio para a escola durante uma tarde e foi um sucesso. Depois veio para o lançamento, apresentou a fotografia de uma performance feita em uma galeria italiana. Trouxe o filme, conversou-se sobre o filme. Lançar a revista é importante também pelas presenças e discussões.



Agora mesmo, tivemos o lançamento com discussão. A revista estabelece também relações interessantes com outras instituições: já lançamos revista no MAM, no Parque Lage, no Hélio Oiticica, na Casa França-Brasil. É importante para nós, como um curso de pós-graduação, ter essas relações estabelecidas a partir de um produto que pode gerar discussão, mesas-redondas, etc. Passo agora a vez para o colega.

Cezar Bartholomeu

Gostaria de agradecer o convite para participar do evento, esta possibilidade de discutir um pouco. A discussão poderia passar por uma parte “choramingas” – “ah, o Brasil; ah, a Capes; ah, a falta de dinheiro” – e de fato até tem por que passar por isso, mas o que acho mais interessante é destacar que participei da revista como processo de formação e acho que Ivair deve se espelhar um pouco nisso também. Participei da revista quando Glória Ferreira editava, vi o rigor com que se traziam informação e discussão, e posteriormente, como editor, tentei manter esse ponto de vista. Não à toa, trabalhei junto das pessoas que estão aqui na mesa ou na plateia: Analu Cunha, Inês de Araujo, Marisa Flórido, Fernanda Pequeno, Alexandre Sá. Se há algo com que todos nós contamos na realização dessas revistas é que elas não reproduzam um determinado *status quo*. Poderíamos ir lá na subjetividade antropofágica e olhar um pouco para o narcisismo, para as iniciativas personalistas, para o fato de como determinadas instituições e revistas acabam depois que as pessoas saem, e não foi o caso da *Arte & Ensaios* com a Glória, e espero que não seja o caso agora com essa nova editoria. Ao mesmo tempo, não se trata da reprodução de uma oligarquia; a revista é pensada em conjunto. Claro que o editor corta e edita determinadas coisas, mas o objetivo é mais abrir do que fechar, no sentido



de coisas produtivas e de coisas cuja discussão acreditamos ser importante num determinado momento. No meu caso particular, editorialmente falando, significava trazer para a discussão de arte no Brasil uma influência que não fosse puramente francesa e americana. A minha ideia ao iniciar a editoria da A&E foi imediatamente trazer um dossiê sobre antropologia e história da arte, com uma carga forte de autores alemães. Trouxemos um dossiê sobre Aby Warburg, que não estava sendo publicado nem na França, nem na Alemanha, mas na Itália. Isso evoluiu para a publicação de textos de autores de língua espanhola, africanos, obviamente no limite das nossas possibilidades de leitura. Ninguém fala chinês ou japonês, mas de qualquer modo a intenção era introduzir questões novas do mundo da arte, com rigor, mas também com uma pluralidade de olhares. E com toda a situação que estamos vivendo hoje, com restrições de verba, crise econômica, mais importante do que nunca é manter uma política inclusiva de produção de documentação primária sobre o artista. Eu nem sei se a entrevista é o melhor modo de fazer isso, pois elas são muito desiguais, dependem de uma preparação, de um tempo que está cada vez mais escasso, mas de qualquer modo acho importante dar a voz, visibilidade. Mencionamos aqui Anna Maria Maiolino, que é historicamente uma artista com pouca visibilidade. E com esse número novo, talvez por uma situação semelhante, o Conselho Editorial recomendou outro artista sem tanta visibilidade (Davi Cury), mas cujo trabalho é pertinente, interessante. Assim foi feita uma entrevista, mas, sobretudo, houve um evento de lançamento incrível, em que as pessoas ficaram envolvidas durante duas horas, com seu relato, com a história de um artista que de certo modo é também a história das instituições de ensino e de exposição. Fazer ler é uma escolha ética e cheia de responsabilidades: o que fazer ler? Dito isso,



temos que nos pensar nessa nova direção (sem a publicação impressa). Sou de opinião que estes instrumentos paradidáticos, os encontros de estudantes e as revistas, deveriam ser revistos da raiz. Não sei em que medida encontros presenciais de fato fazem sentido no mundo contemporâneo, e mesmo com a atual exigência de digitalização da revista não sei em que medida isso nos mantém reféns de um determinado niilismo, desejando uma revista passada, sem de fato prestar atenção ao fato de que ela não funcionava perfeitamente ou pouco funcionava nos lugares em que tinha de funcionar. A disseminação da revista em papel só a tornava uma espécie de fetiche que não conseguimos distribuir; por outro lado, isso dificulta sua digitalização. Se vocês entrarem no *site* há vários artigos fabulosos, inteligentíssimos, que não estarão disponíveis porque necessitam de uma equipe para digitalizar. Sou de opinião que devemos revisar o formato. Será que de fato temos que realizar um periódico científico no modelo americano, com uma formatação digital específica? Será que não temos que inventar uma nova coisa que nem estamos imaginando ainda? Parece papo de artista, mas acho que as revistas e esses encontros também não foram inventadas do nada; em algum momento alguém julgou ser importante existir; talvez seja o momento de repensar. Acho que tenho que passar a palavra aos novos editores.

Elisa de Magalhães

Eu sou Elisa de Magalhães, minha entrada na UFRJ como professora foi em 2016. Um ano depois, comecei a atuar como professora na pós-graduação, quando assumi, junto com Ivair Reinaldim, a editoria da *Arte & Ensaios*, revista acadêmica prestigiada e com muitos anos de estrada. Esse foi um desafio que não peguei sem medo, mas com



coragem. Além disso, diferentemente de Ivair, eu nunca passei pela *Arte & Ensaios*. Na ocasião de meu mestrado, defendido na Uerj, trabalhei na *Concinnitas*. Mas durante o doutorado na UFRJ, na EBA, não tive chance de atuar na *Arte & Ensaios*, porque eu trabalhava na Rádio MEC. O trabalho na rádio, onde era editora de cultura, me deu experiência para estar, agora, nesse lugar de editora da revista. Por isso, paralelamente ao medo, tenho confiança de que eu e Ivair faremos um bom trabalho. Ivair tem uma experiência incrível dentro da *Arte & Ensaios*, pois desempenhou o papel de produtor executivo que hoje é feito por um aluno do mestrado, Thiago Ferreira. Ontem tivemos uma reunião da revista para discutir o fechamento do próximo número, que já está praticamente pronto. Depois disso, tive certeza de que a revista vai ficar linda, a começar pela entrevista com a Brígida Baltar, que, além de ser uma extraordinária artista, é uma pessoa puro afeto, e a entrevista reflete isso. Esse é um momento muito difícil da revista e de uma mudança mais radical, que teremos, eu e Ivair, que encarar: a *Arte & Ensaios* não tem mais verba para impressão; agora ela fica disponível somente *online*, como a maioria das revistas acadêmicas. E esse fato muda tudo. Ainda bem que temos Ronald Duarte, que, aliás, não pode morrer. Ele está na revista desde o início, do primeiro número, ele domina a história da revista, e seu trabalho e parceria têm nos ajudado muito nesse desafio. Temos na verdade desafio duplo, substituímos uma editoria incrível, que tinha seriedade e enorme responsabilidade na escolha de artigos, convidados, entrevistas, traduções etc. Então, além de não poder mais sair impressa, temos a responsabilidade de dar continuidade a essa seriedade, mas tendo que encarar esse novo lugar da revista, que é o lugar digital, e isso de uma maneira ou de outra muda muito a abordagem do que vamos fazer. Acho que Maria Luisa falou muito certo sobre a revista



ser um trabalho coletivo, de alunos, e os alunos do PPGAV são absolutamente envolvidos. É uma entrega e uma atividade paradigmática sim, pois eles estão em todas as etapas. Vão às entrevistas, acompanham os pareceres dos artigos, as traduções, e isso é muito interessante para a formação do pesquisador. Além disso, é uma produção de documentação para pesquisa não só na escolha dos entrevistados, mas na escolha dos artigos, por exemplo. São artigos muitas vezes incríveis e sua circulação só acontece dentro da academia. É importante que tenhamos critério e rigor a fim de levar para a revista esses artigos importantes. As traduções também; a ideia é que elas sejam inéditas, de textos ainda não traduzidos, e há muita coisa a que não temos acesso, pois não temos ainda quem fale chinês, japonês, árabe. É uma pena que não tenhamos tantas pessoas falando outras línguas... seria melhor o acesso a esses textos. Vou passar para Ivair.

Ivair Reinaldim

A primeira coisa para enfatizar o que já foi dito aqui é a formação desta mesa tão plural e necessária por conta de um momento de transição; Cezar e Maria Luisa tinham que estar aqui porque acompanharam as últimas revistas; Cezar durante os últimos cinco anos, e Maria Luisa, nove anos. Eu e Elisa acabamos de assumir a editoria há dois meses, com uma responsabilidade muito grande de fechar uma edição até o final de junho, o que não nos deu muito tempo para repensar a revista; tivemos que pegar e fazer. Seguimos o padrão que já existia; vamos executar e colocar no ar. E Ronald, claro, porque ele é a memória da revista, acompanhou muitos momentos em que não estávamos presentes; sua presença é fundamental também de forma afetiva, pois sempre manteve os laços na revista, o sentimento de grupo. Ronald faz esse papel; quem o conhece sabe que ele é



afeto. Cezar comentou que temos uma história parecida com relação à revista, mas para mim é importante enfatizar que vivenciei a A&E em três momentos diferentes. No primeiro deles, quando cheguei ao Rio para fazer mestrado, e, na segunda semana de aula, encontrei com Glória Ferreira, que me disse que haveria reunião da revista e gostaria que eu fosse. Cheguei em uma sala cheia de gente trabalhando com a revista, e, na primeira reunião, Glória perguntou se eu não queria ficar responsável por uma sessão, e eu aceitei. Aquele era, para mim, um momento de observação, mais de aprender como a coisa funcionava do que contribuir com as questões mais conceituais da revista. Quando voltei para fazer o doutorado, coincidentemente, encontrei com Maria Luisa, e ela falou que eu tinha que voltar para a revista. Voltei e encontrei uma configuração muito diferente, porque Glória não estava mais, e Maria Luisa estava chegando naquele momento para ajudar na transição. Me chamava atenção o fato de que, das pessoas que formavam a equipe naquele momento, eu era a única que tinha a experiência do momento de Glória, e isso fez diferença, porque, muitas vezes, na hora de discutir e tomar uma decisão, eu falava “funcionava assim”. O fato de eu estar lá mais observando e não tanto contribuindo conceitualmente com as discussões foi fundamental para pensar a revista, para contribuir e me cobrar conceitualmente. Foi uma experiência muito bacana, a ponto de Ana Cavalcanti e Maria Luisa me convidarem para assumir, junto com Ronald, a diretoria executiva. Aprendi muito em termos de produção, de acompanhar a estrutura, o funcionamento do dia a dia. Daquele período com Glória até o momento em que me afastei da revista para fazer o doutorado sanduíche, eu fui percebendo meu crescimento, sobretudo intelectual. Participar da *Arte & Ensaios* é uma oportunidade de fazer um outro mestrado, um outro doutorado, que não



é necessariamente aquele das nossas pesquisas e das aulas que seguimos. Quando fui aprofundar minha pesquisa de doutorado, me afastei e também tem muito isso, de poder participar da comissão, ter a experiência, aprender muito a trocar, mas também tem um momento que devemos ceder espaço para outras pessoas terem oportunidade. Contribuí com a *Arte & Ensaios* e a *Arte & Ensaios* contribuiu comigo. E agora era o momento de outras pessoas poderem compartilhar dessa experiência. Quando Maria Luisa e Cezar vieram falar comigo e me convidaram para assumir a editoria, fiquei surpreso, mas entendi que naquele momento era um novo desafio, sobretudo um desafio de transição; sabia que a A&E deixaria de ser impressa. No PPGAV havia toda uma discussão sobre deixar de ser impressa, me parecia que a revista perderia identidade, muita gente questionando aquilo de que tanto gostamos, temendo que a revista se desestruturasse, e eu entendi que naquele momento também, junto com Elisa, com quem adoro dividir essa função, assumíamos uma função de responsabilidade. Em que sentido, daqui para frente, a *Arte & Ensaios* pode manter sua identidade, que todos os outros editores anteriores lhe deram, mas, ao mesmo tempo, assumir novos desafios devidos a esse momento específico, pensando o que vai ser a revista daqui para a frente. Cezar tem toda a razão: percebemos que o que parecia um problema – como utilizar essa plataforma nova – nos dá a possibilidade de trabalhar com muito mais rapidez; não necessariamente precisamos de tantos encontros presenciais ou fazer esses encontros para questões mais conceituais e menos de ordem prática. Foi muito importante entender o sistema e otimizar o trabalho da revista. Uma característica das publicações, a partir do momento em que elas são só digitais, é que os arquivos PDF circulam na internet, assim como arquivos mp3. A circulação, a divulgação é muito maior, mas não se tem mais o sentido



de integridade da revista; não é só o fato de pegar a revista e folhear, é entender o pensamento, a escolha de textos, artistas, traduções, a maneira como se estrutura, como se dá essa sequência, qual foi o pensamento de uma equipe editorial. Se a revista está disponibilizada de modo que as pessoas simplesmente escolhem o que querem acessar, o que querem baixar, qual é o sentimento de que isso aqui de fato é resultado de uma discussão? Não me interessa mais pensar a revista como um todo, limitando-me ao fato de que aqui tem a tradução de um texto que vou usar na minha pesquisa, ou tal entrevista, sem me importar com o resto? Não que isso não aconteça quando estamos com um exemplar físico, mas eu acho importante que o número físico mantenha essa integridade, a menos que a gente desmembre a revista, fica impossível pensar de maneira tão fragmentada. Este é o nosso desafio agora, que a revista continue existindo, mas que continue existindo como um pensamento, e não simplesmente como um apanhado de arquivos PDF que circulam, de que as pessoas se apropriam, os discutem sem perceber que há uma dedicação, que há uma discussão por trás desse trabalho. Digo isso porque é como podemos manter aquilo que a *Arte & Ensaios* tem de melhor, aquilo para o que Cezar, Maria Luisa, Glória, Paulo Venancio e todas as pessoas que trabalharam, se esforçaram tanto, com muito zelo, muito cuidado, muito amor, para que essas revistas existissem, para que a *Arte & Ensaios* existisse como um pensamento, como uma postura política, para que esteja aqui até hoje. Esse é nosso grande desafio. Temos pensado em muitas coisas; não vou colcar abertamente porque há um momento de partilhar e discutir em grupo, mas me parece que ainda não é a hora de fazer isso; a revista, porém, vai mudar de fato. Vou pedir que vocês aguardem para ver que mudança é essa. A questão principal é: como mudar sem perder de vista aquilo que a *Arte &*



Ensaaios tem de melhor? Que revista é essa que vai aparecer até o final do ano, que nova revista é essa, como manter uma série de aspectos que são importantes para mim, para todos os editores, para Ronald, para vocês que estão na plateia, para leitores de fora do Rio, para teóricos, artistas, para as pessoas que não são do meio de artes, mas são de outros meios e querem ter esse contato com o que vem sendo discutido, o que merece ser discutido porque acreditamos que merece ter visibilidade? Então são esses os desafios, e estamos assumindo com zelo, cuidado e muito amor.

Roberto Conduru

Bem, tivemos aqui apresentações muito interessantes para entender a história e os objetivos das conquistas da *Arte & Ensaaios*, e vou fazer algumas observações, encaminhar alguns debates, e queria começar chamando atenção para o fato de que a pós-graduação de história da arte no Rio, mesmo no Brasil, sempre veio acompanhada de revistas, como no caso da PUC, com seu curso de especialização que editou a *Gávea*, ou do programa de Campinas, que editou *História da arte e arqueologia*; são revistas que antecedem um pouco o aparecimento da *Arte & Ensaaios*, e cada qual a seu modo tem uma conexão com o programa que vinha sendo desenvolvido ali. O caso da *Arte & Ensaaios* é muito peculiar, pois desde que apareceu está aí, firme e forte, e, na minha visão externa, já que eu apenas colaborei algumas vezes (e fui muito feliz nas minhas colaborações, pelo menos para mim), o que observo é que há pontos muito fortes que marcam muito sua trajetória. Pontos que eu quero destacar e que podemos discutir. Acho muito interessante o que o Ronald trouxe hoje, essa pré-história um pouco difusa, e, quando digo pré-história, digo provocativamente, porque a história da *Arte & Ensaaios*



começa com a Lygia Pape. Eu trabalhava na arquitetura da UFRJ nessa época e tinha acesso, mas nunca vi o número vermelho, esse das moças picassianas, só vi hoje, aqui, pela primeira vez. As capas da revista trazem um ponto muito forte, a intervenção dos artistas. Queria saber como se decidia quem ia fazer essas capas, como seriam... Lembro-me das capas do Antonio Dias, da própria Maiolino. Outras revistas não começaram assim e depois, declaradamente, copiaram, como a própria *Concinnitas*. No início eu era contra, era coeditor e achava que era importante ter um perfil próprio. Outro ponto importante, na trajetória da *Arte & Ensaios*, é a participação dos estudantes, o que passou a existir por influência da Glória Ferreira. Na *Concinnitas*, nunca se conseguiu essa colaboração. Ter a colaboração dos estudantes é um traço muito forte da *Arte & Ensaios*, porque é uma revista de pós-graduação e os pós-graduandos participam da produção, alguns trabalhos da pós são veiculados na revista. Eu não pude ir no lançamento do número 32 por questões particulares, mas esse é outro ponto; os lançamentos da *Arte & Ensaios* sempre têm debates muito interessantes, marcantes mesmo. Isso atravessa o período em que Glória era editora, mas continua com todos os outros editores; é marca da revista. É uma pena não ter isso documentado, pois esses debates, essas intervenções fazem parte da história da arte do Rio de Janeiro, do Brasil, até da pós-graduação. Outro ponto é o fato de a *Arte & Ensaios* ser capaz de veicular textos de referência, que é o que mais se espera de uma revista. Refiro-me tanto aos textos produzidos na pós-graduação como às colaborações. A revista se consolidou como um fórum de artigos que se demonstraram artigos de referência. Eu usei vários desses artigos em aula, sei de colegas meus que utilizam vários, e não estou me referindo apenas às traduções; elas são fundamentais, como o texto do Alfred Gell; uso toda hora o



texto de Gerardo Mosquera, e tanto outros. Mas não ouvi vocês falando sobre duas coisas da *Arte & Ensaios* que são diferenciais e interessantes: os números internacionais que a revista fez e o republicar textos publicados em outras revistas. A A&E de alguma maneira faz a história da história das publicações e, se me permitem alguma sugestão, acho que esse é um veio muito interessante da revista, porque muitas das demais revistas universitárias não existem mais em formato papel, acessível, nem em formato digital. Eu destacaria esses pontos para abrir o debate, mas queria marcar algumas tensões e até imagino, com tantos artistas colaborando, que vocês devem ter alguns “causos” muito interessantes para contar dessas colaborações; acho que aumentaria muito o “folclore” da revista, se pudéssemos ouvir alguns desses casos. Para não dizer que quero só brincadeira, também podemos voltar ao que foi pontuado aqui e ali, como a tensão na edição da revista com a área de artes ou com a Capes. Entendo que o que a Capes determina não é a Capes. Como o Ronald falou, uma instituição, no caso a revista ou a Capes, é o que as pessoas que estão ali são, as decisões da Capes não são decisões abstratas, elas são decisões de pessoas; é o coletivo dos representantes de vários programas que decide essas regras. Nós reclamamos dessas regras, argumentamos que a revista é desvalorizada sem seu formato impresso, mas isso foi decidido por nossos pares que estão lá nos representando. Então acho que tem uma tensão aí, e a tensão que vivemos, neste momento, é essa passagem do formato impresso, livro, para outra plataforma. Então, é isso, jogo de novo aí a bola para vocês.

Nos seus cinco anos, nenhum caso interessante?

Cezar Bartholomeu



Sem nomes, né? [risos]. Há casos muito interessantes, de você mencionar algo assim: “poxa, gostei do trabalho dessa artista”. Às sete da manhã do dia seguinte, a artista, que não estava presente na conversa, telefona: “obrigada por me convidar para ser entrevistada pela *Arte & Ensaios!*” Digo que eu não decido quem é entrevistado pela revista, e isto e aquilo, e então tem que ter uma conversa de uma hora com aquele ego... O ego dos artistas é bacana; sendo artista eu sei o tamanho gigante que os egos têm. Então temos casos de artistas que querem fazer o *design* da sua entrevista, temos o caso de artista que quer reescrever a entrevista e leva três meses fazendo isso; tem gente que teve a ideia de fazer um trabalho, incrível, aliás, na aula de yoga, e quando você vai ler a entrevista diz que foi na aula de filosofia! Misteriosamente, a inspiração muda de lugar... Então há casos engraçados da natureza humana que infelizmente na filtragem têm que cair, porque aí eles perderiam a graça também. Enfim, essa coisa mais mesquinha, mas há.

Maria Luisa Tavora

Destaca-se positivamente, por exemplo, a entrevista com Paulo Bruscky. Muito generoso, muito brincalhão, ele fez na mesma lógica da capa uma dedicatória para mim, desenhou toda; e era muito interessante as perguntas que fazíamos, porque sabemos muito pouco. O que ele contava, as relações dele com o grupo Fluxus, coisas incríveis. Foi, assim, diferente de Anna Maria Maiolino, generosa também e que nos respondeu tanto. Mas para Paulo foi uma felicidade; ele disse que podia chamar. E ficamos conversando. “Paulo, já são 5 horas”, e ele “Não, mas tem um negócio...”. E tome de conversa.

Barrio confirmou presença no Parque Lage, nós anunciamos, mandamos fazer convite,



e, na hora H, nada. E foi muito interessante porque Barrio não quis fazer uma entrevista presencial; ele queria que a entrevista tivesse o jeito que ele desse. Teve que ser *online*; do meu período foi a única que foi assim; todas as outras foram presenciais. Outras coisas interessantes: o próprio Cezar foi ter com o Miguel do Rio Branco, viajou sozinho para Petrópolis.

Cezar Bartholomeu

Era um número com Miguel Rio Branco, muito caro a mim, porque pesquiso fotografia; o tema geral era fotografia, e iríamos entrevistá-lo em um grupo grande; ele insistiu que a entrevista fosse realizada em seu ateliê e avisou que serviria almoço para todos. Foi num sábado pela manhã, e, de repente, os entrevistadores caíram como moscas; as pessoas que estavam programadas ligavam dizendo: “não vou porque ontem enchi a cara”, “não vou porque não preparei”, “não vou porque é muito cedo”. Enfim, fomos apenas dois entrevistadores para lá, eu e Mário Trindade. Miguel nos recebeu muito bem, foi muito gentil, e rendeu um número muito interessante.

Maria Luisa Tavora

O Zerbini foi maravilhoso porque também descobriu coisas na hora. A capa foi a fotografia de um trabalho que ele não sabia que estava ali, e nós o vimos [descobrir esse trabalho ao procurar algo que queria nos mostrar], estava emocionado. Ele disse que a mãe arrumava as coisas, foi lá, mexendo, e achou: “Tá aqui!” Me lembro da emoção dele.

Cezar Bartholomeu



Ele disse: “a origem de todo o meu trabalho está neste brinquedo que acabei de descobrir!”

Maria Luisa Tavora

E tudo filmado! Numa época, nós filmávamos, depois passou a ser só gravado. Institucionalmente não temos mais esses vídeos, quem pode ter tem guardado consigo.

Roberto Conduru

A revista tem arquivo?

Maria Luisa Tavora

Não, estamos montando agora, entrando na era digital.

Ronald Duarte

A *Arte & Ensaíos* nunca teve grana para fazer mais do que o que fazíamos. Então, quando aparecia alguém interessado na revista de uma maneira internacional, como foi o caso do Michael Asbury, amigo do Milton Machado e do Antonio Manuel, brasileiro e inglês também, professor de história e teoria da arte no Chelsea College of Arts da University of the Arts London (UAL)... Ele me disse que adoraria fazer uma revista inglesa e me perguntou se haveria como. Eu respondi: “só se você tiver grana”. E ele disse: “o cônsul de repente pode bancar uma parte, e envolveríamos também os professores da universidade de Chelsea, os artistas; eu faria uma parte da edição inglesa, e os editores daqui continuariam a revista como ela é”. Foi um acordo; ele mandou uma carta oficial



para a universidade, fabu que correria atrás da parte inglesa, e fomos alinhando. Milton Machado tomou a frente – até por ter feito a universidade lá, ter todo contato com ele – para poder selecionar todo mundo que iria participar dessa edição inglesa. Foi uma galera; é um tijolo; tivemos uma tiragem até limitada, mas ficamos com alguns exemplares que ainda existem; não sei se na pós-graduação ainda tem, mas essa capa é de uma professora da Chelsea, que é também artista, e Michael mandou como proposição para o corpo editorial. Todo mundo achou superlegal, e ela foi convidada para fazer a capa. No sumário tem uma quantidade tal de artistas... uma quantidade de brasileiros, uma quantidade de ingleses; é bem densa e muito boa; foi uma edição bem dinâmica e boa de fazer.

Roberto Conduru

Em outras ocasiões vocês também fizeram edições com críticos e historiadores, certo? Algo que também podia ser pensado...

Ronald DuarteForam dois números; Cezar Bartolomeu se empolgou, foi empolgação, e convidou todos os críticos de arte do Brasil e todos os curadores para mandar artigos e textos, e chegamos a um problema: a revista teria 500 páginas, e tivemos que fazer dois números para poder encaixar dentro da grana que tínhamos para fazer a revista. E foi a edição preta e branca, que nem tem artista convidado e nem tem entrevista, por conta de ter sido direcionada só para a linha de críticos e historiadores.

Maria Luisa Tavora



Calma, eu vou narrar o processo. A equipe e os estudantes sempre diziam: vamos sempre fazer entrevistas com artistas? Isso surgia aqui e acolá. Tem que ser artista? e se for crítico? Bom, chegou o momento, e então organizamos da seguinte forma: mandamos e-mails para o pessoal do CBHA, para a Anpap, pessoas interessantes do Brasil inteiro! Perguntando assim: você teria?... Sim, porque queríamos saber, queríamos tratar da crítica e dos críticos que ainda não estariam institucionalizados. Quer dizer, essa crítica emergente e local, fazendo trabalhos interessantes com a arte contemporânea, às vezes curadoria, enfim. Pessoas do Rio Grande do Norte, Belém, do Mato Grosso do Sul... jogamos para todos os lados esse pedido de indicação de nomes de pessoas locais, jovens, que não tivessem mais do que...

Cezar Bartholomeu

Poucos artigos publicados.

Maria Luisa Tavora

Isso para mostrar grupos que podem estar na sombra, às vezes fazendo um trabalho maravilhoso, mas, por ser local, não chega aqui. E isso foi feito. Quando as pessoas mandaram os nomes, nos comunicamos e pedimos dois artigos que já tivessem feito, já prontos. Por esses artigos enviados, escolhemos. E os escolhidos então teriam que fazer um artigo para nós, uma crítica, etc.; foi muito interessante.

Cezar Bartholomeu

E esses textos ainda passaram por pareceristas.



Maria Luisa Tavora

Pois é, tudo no mesmo sistema. Mas nessa garimpagem tomamos conhecimento de muita gente interessante. Tivemos dificuldade de marcar o lançamento, e não saía o lançamento, e esses jovens críticos queriam saber em que dia viriam, pois tinham que comprar passagem, etc. Eles vieram, e o lançamento foi no Hélio Oiticica.

Ronald Duarte

Sim, mas fala do problema, que tivemos de fazer a segunda entrevista porque... Lembra da primeira entrevista, com Ronaldo Brito? E depois tivemos que fazer uma segunda entrevista.

Maria Luisa Tavora

O material que recolhemos deu para duas revistas. Para a primeira, juntamos numa conversa Marisa Flórido e Ronaldo Brito, e foi muito interessante. Então saiu a primeira... Ah! O mais interessante foram as capas, porque, não tendo artista, não teria obra. Então veio... branca! Então, branca. Então, para o segundo número, com uma conversa entre Frederico Moraes e Luiza Interlenghi, preta! São capas muito lindas, com marca d'água. As pessoas exclamavam: nossa! E tínhamos que explicar, não tem artista, então virou branca e preta. Os artigos que recebemos concentramos nesses dois volumes, o branco e o preto, com relação à crítica.

Cezar Bartholomeu



Bem, a primeira questão é que era o número de aniversário da revista; a A&E estava fazendo 20 anos. A ideia era um pouco pensar exatamente o que a Sheila falou hoje de manhã, a falta de lugar da crítica. Falta de lugar dupla, falta de lugar para escrever e falta de ponto de vista, digamos assim, de um *topos* justificado, mesmo. Foi um pouco má ideia colocar lado a lado críticos, digamos assim, de gerações muito diferentes, mas extremamente rigorosos. De qualquer modo, a recepção foi feliz. De algum modo, conseguimos fazer essa prospecção com resultados muito diversos, porque no dia a discussão foi toda também muito boa. Mas também houve aí uma coisa, a meu ver, bem interessante: a partir do tema desdobrado em duas revistas, nós traduzimos autores extremamente relevantes, de referência, como Boris Groys. Há um texto do Hal Foster que não havia sido traduzido. No segundo número, aliás, nós traduzimos textos sobre curadoria. Foi com a minha editoria que a revista se tornou temática. A meu ver, tentar pensar a revista tematicamente levou a certos resultados de interesse. Apesar de ter sido lento, o trabalho todo foi-se encaminhando muito bem para se tentar tratar de um tema.

Ronald Duarte

Um dado muito interessante é a presença do público no lançamento. No lançamento dessas duas revistas, não teve quase público. Então, a presença do artista, da capa do artista, da entrevista do artista e da fala do artista leva público.

Maria Luisa Tavora

Mas isso ocorreu porque era feriado...



Ronald Duarte

É, no meio de um feriadão... Foi uma mesa-redonda no Hélio Oiticica, mas teve pouquíssimo público.

Cezar Bartholomeu

Mas o segundo volume desse mesmo número teve um lançamento fenomenal, porque nós tivemos na mesa Marisa Flório e Luiza Interlenghi. E tivemos uma exposição inacreditável da Marisa no evento. Esse lançamento ocorreu no Parque Lage, era a estreia de Lisette Lagnado na cidade. Marisa Flório sentou-se com um belo calhamaço de 14 páginas. Quando ela chegou na quinta página, disse: agora que eu já explicitarei os problemas contemporâneos da teoria, da crítica e da curadoria, eu vou declarar a minha posição. É desse modo que eu lembro. Então de fato “foi” um lançamento... valeu a pena.

Maria Luisa Tavora

Vou defender esses números da revista. Fato é que não arranjávamos espaço para o lançamento, só conseguimos no Centro Hélio Oiticica, numa sexta-feira. E por quê? Porque essa sexta-feira estava entre dois feriados, então não tinha nem movimento na cidade, foi por isso que não houve público expressivo.

Ronald Duarte

Não, eu sei; tínhamos prazo também para lançar a revista, então tínhamos que aproveitar essa data. Agora eu vou falar da revista internacional alemã. E está vindo aí a francesa, e temos que ver como fazer no formato digital. Com a Alemanha, foi por meio



do contato de um estudante do mestrado da Universidade de Belas Artes de Berlim, meu amigo. Eu falei com Cezar, que fala alemão, e fomos todos para Berlim. Foi fantástico o lançamento no Instituto Goethe, que bancou a metade da revista por intermédio do Robin Resch, que foi o editor responsável em Berlim. Tem uma entrevista comigo, a capa do Guga, quer dizer, tem uma revista muito boa de ler também, bem interessante.

Cezar Bartholomeu

O tema desse número realizado com a Universidade Weißensee é Urgências urbanas. Ele se deu exatamente no momento que começávamos a detectar a tensão social aqui no Rio de Janeiro, advinda desse desastre dos megaeventos e da gentrificação corrupta da cidade. Então nós escolhemos especificamente Guga Ferraz para ser a capa, porque o trabalho dele faz todo sentido em relação a essa temática. A presença da entrevista de Ronald, a mesma coisa. Além disso, nesse número, nós conseguimos fazer uma mistura de pessoas de dentro do programa e de fora, que tratassem relevantemente do tema, e isso se juntou ao programa da Weißensee. A Weißensee tem um programa de pós-graduação chamado estratégias espaciais, então os professores escreveram sobre o paralelismo do processo em Berlim. Porque não se pode esquecer também, que a queda do muro provoca, no primeiro momento, uma baixa de preços no mercado imobiliário, mas no momento em que a revista foi lançada, isso foi em 2013, Berlim estava sofrendo o processo de expulsão dos artistas da cidade, porque eles não conseguem mais pagar aluguel! Eles dizem: “quem comprou apartamentão, comprou, quem não comprou não compra mais. Está morando em Hamburgo agora, em Nuremberg...” Então, há um processo de esvaziamento de Berlim. Infelizmente a Weißensee foi um tanto acadêmica, e eles falam disso muito



indiretamente. Mas o sentido da revista era dar a ver esse duplo processo em uma cidade desenvolvida e aqui neste nosso lugar.

Roberto Conduru

Eu quero aproveitar este momento da menção a Marisa e passar a palavra para nossa audiência. Inês já quer fazer uma pergunta.

Inês de Araujo

Bem, sou professora aqui do Instituto de Artes da Uerj, meu nome é Inês de Araujo. Eu também fiz meu doutorado na EBA e participei muito da *Arte & Ensaios*. E voltando ao relato de vocês, a primeira coisa que eu queria falar, até para trazer um dado pitoresco ligado à pergunta do Roberto, é que vocês estão falando que o Ronald é a memória viva da revista, e eu acho que é o contrário; Ronald é uma espécie assim de atualidade da revista. Nunca vou me esquecer de um dia em que fui buscar o Ronald, a Rua das Laranjeiras completamente engarrafada e simplesmente o Ronald abriu a rua! Você se lembra disso? Você abriu a rua! Tinha um acidente, ele foi criando um caminho porque estávamos atrasados para entregar a edição. Ele pedia para os carros desviarem e foi abrindo a rua, e o fluxo foi! Então acho que o papel do Ronald é muito esse, ele consegue fazer o fluxo circular, e o fluxo é um dos problemas que nós temos. Agora, eu acho maravilhoso ver vocês falarem desse afeto que compartilho. E por que precisamos deste seminário de revistas? Primeiro, por causa da importância dessa produção, neste momento específico, porque a autonomia e a invenção dessa produção estão sendo ameaçadas. De uma certa maneira, a transformação em plataforma *online* e essas regras draconianas das agências



de fomento nos obrigam a voltar exatamente para esse lugar de abrir novamente a rua e criar um fluxo. Porque o que está sendo posto em jogo é um tipo de produção, há uma mudança de paradigma em curso. Temos essa memória incrível da *Arte & Ensaios*, que foi formadora de metade das pessoas que estão neste auditório, fora os estudantes mais jovens, e, de uma certa maneira, isso, atualmente, não tem mais lugar. Não é só por uma mudança tecnológica, mas por uma mudança ideológica, uma mudança política etc. e tal. Então, mesmo que vocês não queiram falar sobre esse novo formato, creio que seja importante para nossa discussão ser mais ampla, tratar do problema que temos em comum, da mudança de paradigma que temos que enfrentar para sobreviver e para abrir a nossa atualidade. Portanto eu gostaria de escutar de vocês um pouco, como o Roberto falou, sobre as coisas de que vocês não estão falando.

Ivair Reinaldim

Então, um pouco do não falar é porque é muito diferente; eu e Elisa conversarmos com Ronald ou conversamos com o grupo, que é pequeno. O maior desafio, na verdade, é ter pouco tempo de fazer uma revista com uma equipe tão enxuta. São cinco pessoas que trabalham conosco, é uma equipe muito pequena. Não estamos conseguindo uma adesão dos estudantes do programa para trabalhar na revista e estamos na expectativa de que os novos, as pessoas que estão passando pela seleção agora, assumam, comecem no próximo semestre; expectativa de que esse público novo do PPGAV venha para a revista. Queremos rever o Conselho da A&E e a forma como o Conselho vai trabalhar. Mexer no Conselho da revista é mexer num vespeiro; já sabemos que vamos ter que conversar com o colegiado do programa. Então as mudanças vão ser drásticas até nesse sentido;



vão ser mudanças políticas. Entendemos que pessoas de fora do Brasil que venham a fazer parte do Conselho, possam ser consultores da revista, possam indicar textos que estão sendo discutidos, textos que de fato sejam importantes, deem mais visibilidade e possam ser traduzidos. Na verdade, eu acho que tem muito a ver com isso. Pensar em coisas que já existem na *Arte & Ensaio*s e que, a nosso ver, não necessariamente funcionam bem e rever essa estrutura, rever aquilo que vamos manter. Por exemplo, as entrevistas; elas são um diferencial, mas são também um problema, porque fazer entrevista, fazer a preparação das pessoas que vão participar, cada um poder pesquisar antes da realização da entrevista em si, fazer a transcrição, editar... tudo isso consome muito tempo. Então temos cogitado algo que, eu acho, já existiu em algum momento anterior e que queremos tentar fazer, que é começar a fazer várias entrevistas para ter um tempo e escolher qual publicar. Queremos ter essa margem de segurança até para poder fazer com mais tranquilidade. A Brígida é ótima, é uma pessoa muito clara, mas tivemos que marcar a entrevista com tempo de uma semana de preparação e uma semana de transcrição. Uma entrevista de duas horas e meia. Então é muito complicado; já sabemos que esse modo de funcionamento das entrevistas vai ter que ser revisto.

Roberto Conduru

Em que medida isso que o Cezar falou sobre a questão temática poderia dar aquele sentido de unidade que em sua fala você lamenta perder? Outro comentário, para acalmar os novos editores, revistas como a própria *Arte & Ensaio*s vão ganhando personalidade ao longo do tempo. Eu diria: não tenham essa ansiedade de já deixar a marca, isso vai aos poucos, como Glória soube fazer e depois Maria Luisa, a colaboração do Cezar. Isso vai



deixando a marca e muitas vezes você precisa de uma certa distância de tempo para perceber que ali tinha uma determinada unidade. Então algumas coisas vão atravessando, aí você tem diferencial...

Ivair Reinaldim

É... Acho que o sentido da minha fala é mais... talvez o que foi um grande problema, que todo mundo que tentou encarar ou não encarar, assim como o Ronald falou, né, que iria se aposentar, porque realmente não ter mais a versão impressa foi uma bomba para quem trabalha com a *Arte & Ensaíos*. Então resolvemos pegar o que de fato era essa bomba e transformar em algo positivo. Como é que podemos fazer uma revista que não é mais essa revista impressa e que ela continue tendo o que essa revista impressa tem de melhor? Tentar entender essa plataforma. Então esse sentido não é tanto no sentido de eu e Elisa tentarmos dar uma personalidade imediata, mas empolgar, por exemplo, o Ronald para ele continuar. É uma maneira de falar “não, é isso mesmo, vamos lá”. Isso foi muito importante... Elisa pode falar também aqui... É muito importante tentar criar, tanto para as pessoas novas que vêm para revista e que não têm essa experiência, essa relação já construída com a revista, quanto também para quem já está ali, esse sentimento de identidade, esse sentimento de “vamos lá”, sabe? Não é a morte da *Arte & Ensaíos*, é uma nova *Arte & Ensaíos*. Então vamos tentar entender o que é essa nova *Arte & Ensaíos*. Sem esquecer completamente tudo isso que foi construído nesses 23 anos. Acho que isso é muito importante para nós; assim, como podemos manter a identidade da revista, mas entendendo que as mudanças agora, as transformações, não são ruins de todo? E como – de uma certa forma repito o que Cezar falou – produzir coisas que produzam algum tipo



de ação efetiva ou de efeito? O que as pessoas vão ler? Como aquilo que se produz em relação à *Arte & Ensaio*s pode ser um ato político e poético? Eu acho que esse é um pouco o nosso desejo. Que a revista continue sendo a revista naquilo que ela tem de melhor. Ela é uma revista como ação poética e como ação política ao mesmo tempo.

Elisa de Magalhães

Acho que temos pela frente, Inês, respondendo a você, primeiro temos uma revista na mão. Uma revista; se formos ao dicionário, temos vários sentidos de “revista”, como, por exemplo, revisão e o sentido jornalístico, meio de comunicação. A *Arte & Ensaio*s tem uma característica específica como revista. Característica de revista! Embora seja uma revista acadêmica. Pegamos, agora, o desafio de encarar uma revista que é um meio de comunicação, que não sai mais impressa. Uma revista que agora vai sair na plataforma digital, que aprendemos a mexer na sexta-feira passada! Dizer para vocês: não vamos fazer isto ou aquilo... não posso! Não posso dizer porque seria uma irresponsabilidade. Ideias nós temos, mas precisamos, na verdade, tomar conta e tomar pé das dificuldades, das limitações e das vantagens que a plataforma digital nos oferece. É tudo muito novo, e ainda temos um modelo incrível, que é o modelo da *Arte & Ensaio*s, uma revista longa que, como disse Conduru, já fez sua marca em meio às revistas acadêmicas, em meio a todo o circuito de revistas acadêmicas. E temos de botar isso numa plataforma digital de modo que ela não perca essa característica de ser um pensamento. Ela é toda pensada em torno de um tema, em torno de uma entrevista. Depende muito do que vem primeiro, se é o ovo ou a galinha. Muitas vezes, vem um entrevistado primeiro, que dá o tema. Muitas vezes, vem a ideia de um tema que se desdobra... Outras vezes, é um texto incrível que eu



peguei em francês ou em inglês e que se desdobra em tema, entrevista, em artista... então depende muito. A questão agora é esta: aprender e tomar pé dessa plataforma digital para saber o que fazer. Na verdade, essa plataforma digital está sendo para nós um desafio e uma questão também.

Maria Luisa Tavora

Esqueci de falar um detalhe da história. Era para Cezar e eu termos assumido essa questão, mas recebemos um prêmio da Funarte, em dinheiro, e esse prêmio foi o que viabilizou estas duas últimas revistas, a da Fernanda e a do Davi. Mas nós íamos enfrentar isso, chegamos a começar os testes com a plataforma. Então nós nos salvamos com essa premiação que a Funarte fez, de revista acadêmica. Foi em nível nacional e nós ganhamos um valor que deu para segurar.

Cezar Bartholomeu

A próxima também.

Maria Luisa Tavora

Esta aqui também está com o sumário em inglês, que é importante também, porque temos toda a história aqui, e eu digo para os alunos: veja qual é o assunto, o texto que será interessante para sua pesquisa. Porque realmente eu vejo o uso que o Roberto mencionou. Fico muito contente quando estou numa banca e lá na bibliografia consta: *Arte & Ensaios*, número tal. Outra coisa interessante é ajudar a reedição. Eu me lembro da reedição da Rosalind Krauss, que foi uma sugestão minha, porque constava na



bibliografia recomendada de todos os processos de seleção, e o que o aluno tinha era a xerox da xerox da xerox... Então pedimos autorização à *Gávea* e republicamos. As reedições são textos pontuais, importantes. Elas têm ajudado muito na organização dos trabalhos em nível de mestrado e doutorado. Enfim, voltando à questão do financiamento da Funarte, esse reconhecimento institucional valeu mais duas revistas em papel, impressas.

Wilton Montenegro

Deixa eu perguntar uma coisa para Cezar e Elisa. E o conteúdo de imagem? Vocês não falaram. Maria Luiza destacou as duas capas sem imagem, com bastante ênfase se falou da capa do Guga, mais duas ou três capas. Não falaram do conteúdo de imagem em momento algum. Tem página dupla de artista, dupla e esse número digital abre um espaço para uma participação maior da imagem. Então faltou todo mundo se manifestar sobre o conteúdo de imagem, além da teoria, do texto, do que está para o texto.

Ronald Duarte

Eu estava separando aqui, aliás, para mostrar as antigas, em que as imagens eram em preto e branco. E aí a luta para conseguir um caderno de cor e depois conseguir a capa colorida também, dentro da própria coordenação da pós-graduação. Foi uma luta porque isso requeria mais grana para revista. Na verdade, da grana que a pós-graduação recebia na época, a revista consumia mais do que tudo no programa. Então esse dinheiro foi batalhado para conseguir primeiro um caderno de cor e, depois, dois cadernos. E sempre as imagens eram um problema: a qualidade, como vinham, como tinha que tratar por



conta da impressão. Então esse vai ser um avanço positivo com o digital, porque as imagens estarão bem mais tratadas, com qualidade melhor e também em cor. A revista vai poder sair toda em cor, que era um desejo particular meu desde o início. Brigava na reunião de coordenação quando eu participava das reuniões. Por exemplo, tem um número com pinturas do Robert Ryman, que tiveram que sair em preto e branco, parecendo meio Amílcar de Castro. É um crime.

Wilton Montenegro

Mas eu estou questionando os dois, porque são artistas que trabalham com imagens e que não falam da imagem.

Maria Luisa Tavora

Até o número nove, se fazia uma gravura, um trabalho, na capa.

Ronald Duarte

A do Antonio Dias foi a primeira, ele que deu a ideia.

Maria Luisa Tavora

Mas então enfrentamos questões como não poder reproduzir, não poder ser vendida etc. Um exemplo: em 2011 foi a do Alúcio Carvão, e ele morreu em setembro, se não me engano. E saiu a notícia em *O Globo* ou no *Jornal do Brasil*, não me lembro mais qual dos jornais, mencionando o artigo sobre ele e que sua última obra tinha sido a capa da revista *Arte & Ensaios*. Ela, em um mês, acabou. Foi vendida toda, mas chamou atenção. E



eu lembro que na época pensei: poxa, a pessoa não sabe do conteúdo, só sabe o que se deu nessa notícia. No lançamento, foi assim também, uma coisa incrível, quase acaba. Porque se falou que essa capa fora a última obra do Aluísio Carvão. Amilcar, Aluísio Carvão... fizeram capa para a revista; era realmente uma obra. A porta de entrada que acabou vendendo a revista toda foi a capa.

Wilton Montenegro

Foi a imagem.

Maria Luisa Tavora

A imagem que o jornal fez com a avaliação de ser a última obra!? E aí foi vendida.

Cezar Bartholomeu

Na verdade, o que acontece? Quando eu entrei a revista tinha uma política que era assumida pelo Ronald, que eu achava maravilhosa. Que capas não eram de fato capas, elas eram secundariamente capas. Eram obras dos artistas que muitas vezes foram reproduzidas como gravuras e que custeavam várias coisas que eram realizadas na revista. A partir da questão da imagem, eu tinha dois pontos de vista quando entrei na revista: um era que essa capa deveria voltar a ser um trabalho grátis do artista; não deveria estar associado à capa e sim virar um trabalho destacável – que a pessoa que comprasse a revista tivesse efetivamente uma obra do artista. No entanto, imediatamente antes de eu assumir, isso deu para trás, porque Ronald não conseguiu mais se incumbir disso, perdeu a paciência porque era um trabalho pesadíssimo. Então



as revistas que imediatamente me precederam já não tinham mais capas inéditas dos artistas; de modo que hoje fazemos uso de fotos de obras... Era uma demanda realmente pesada para Ronald; não era justo com ele. Esse trabalho 'destacável' se transformou no que chamamos de Página dupla, na qual artistas que não são os entrevistados, que não estão na capa, contribuem com a revista fazendo um trabalho visual. Eu mesmo participei de um ensaio desses, logo que voltei do doutorado; tem trabalho meu em um dos números, tem da Analu Cunha, da Inês, enfim. A outra coisa que eu queria ter implementado, e não consegui, é algo semelhante ao que Clarissa Diniz apresentou hoje de manhã. Eu queria que um artista interviesse no PDF da revista depois de pronta. Ia se chamar Marca d'água, ou seja, eu queria que um artista não simplesmente ficasse sublinhando a revista, o que não faz sentido, mas que ele pensasse imagetivamente e contribuísse de algum modo para um determinado grau de fluidez entre texto e imagem. Na verdade, o processo burocrático de realizar a revista nunca permitiu (tempo para) isso; é muito complicado. Mesmo conseguir a consistência mínima que temos de qualidade das imagens, de impressão, se é que conseguimos, né... é muito complicado, porque são muitos voluntários, o processo é complexo, todo mundo é pago por baixo, quando é pago... então não deu. Mas a meu ver e aí tocando, na verdade, na pergunta mais complicada, que é a da Inês, óbvio, porque é a Inês: essa fluidez entre texto e imagem, de certo modo, ela é dificultada pela plataforma nova, ela não é facilitada. Mas essa fluidez, a meu ver, é um lugar para ser discutido. É porque eu acho que tudo se coloca no fundo do fundo do fundo dessa pergunta da Inês: o mundo se coloca contra a leitura, contra o problema da crítica, contra o problema amplo da leitura. E nós participamos deste mundo; de algum modo isto aqui também se coloca como produto elitista, no sentido de



que ele é pago, pouca gente tem acesso, mas ele se coloca como, também, um produto necessário, porque fomenta pensamento crítico sobre imagem. Eu diria, Wilton, que a imagem nunca está longe daqui; isso é uma falácia exatamente dessa divisão binária. A meu ver a discussão passa pela tentativa de fazer quem não lê ler, e incluo nessa palavra um grau de amplitude ver/ler. E fazer isso significa imprimir outro ritmo, que este mundo não está querendo, um determinado grau de desaceleração... e se deseja também um grau de espetáculo; não vamos querer aderir a esse espetáculo do consumo. Onde nós podemos intervir? Podemos intervir nessa fluidez entre texto e imagem na qual a pessoa é intrigada a ponto de aprofundar-se na leitura, pela imagem, e a própria leitura é corrompida de algum modo pela imagem. Essa plataforma, a meu ver, ela coloca um problema difícil, mas até certo ponto, porque ela é programável. Nesse sentido pode ser desprogramada de sua própria burrice categórica. Não sei se conseguiremos, porque o que se entende como periódico é uma coisa extremamente dura, é uma coisa americana... Eu não sei em que medida [essa plataforma] servirá, entende? A revista ainda serve a esse propósito, digamos assim, de veicular arte do modo que acreditamos que deveria, mas eu acho que também outros lugares podem ser explorados, enfim, desprogramados. Não sei se respondi completamente ao unir as duas perguntas... Bem, tem outra coisa que deveria dizer também, em relação a sua pergunta, Wilton. De modo geral, várias das contribuições que chegam na revista já chegam com pacote de imagens fechado. Os autores, pesquisadores nacionais, ilustram seus artigos com o que eles escolhem. O que é que nos sobra como espaço das imagens? Algumas traduções vêm libertas de indicação, normalmente os textos que são mais abstratos, mais teóricos, as traduções internacionais da seção Temáticas. Se você der uma olhada ao longo da *Arte &*



Ensaio vai perceber que esses textos... aí tem o meu dedo e o dedo da equipe, apontando: tal obra é desconhecida, está circulando, vamos publicar esse trabalho. Então há alguns trabalhos, estrangeiros e nacionais, que vão sendo veiculados aos poucos. E não apenas isso; as imagens aparecem na escolha [das traduções]; por exemplo, quando escolho publicar um texto sobre Francis Alÿs, que trata dos cães na obra dele, no uso de cachorros na obra, ele vem com a imagem, e não vem à toa, mas a partir da necessidade temática da revista e também da consideração de que todo mundo tem que conhecer esse artista, hoje, enfim, para gostar ou não gostar, para entender ou não entender. Tem aí uma circulação, digamos assim, menos sonora das obras, mas ela também fala alto, não fala baixo não, até porque passa pela discussão com a equipe editorial, no processo de formação de mestrandos e doutorandos.

Wilton Montenegro

Só para esclarecer: o meu questionamento foi ao silêncio da mesa sobre essa questão. A mesa toda deu ênfase ao fato de a revista ser uma revista de ensaios escritos, e eu perguntei onde ficava a visualidade. Acho que você respondeu magnificamente; é exatamente isso; mas é o silêncio anterior. Eu entendo Maria Luisa quando dá aquele destaque para as duas capas, a preta e a branca. Só estou questionando você e Elisa porque vocês dois são artistas, vocês dois lidam com a imagem antes do texto, independente do texto e é só isso.

Elisa de Magalhães

Eu posso brigar com ele em casa depois [risos], mas antes desse momento, na verdade



você tem razão. Não falamos da imagem porque, não sei, talvez porque a imagem já esteja na minha cabeça imediatamente, então não estou pensando nisso em relação à revista.

Cezar Bartholomeu

Eu não queria roubar a palavra, mas queria mostrar uma imagem colorida.

Elisa de Magalhães

Ah, tudo bem, para ver se ele se acalma. E a plataforma digital no nosso caso agora, que estamos aprendendo a usar, na verdade vai provocar uma certa inversão nesse processo; a revista vai ter que começar pela imagem. Então, invertendo o processo que veio até agora, a revista começa pela imagem, e o texto é a última coisa que aparece, na verdade. O texto agora, na plataforma digital, ele vem na capa, vem no título dos artigos, das traduções, Página dupla, não sei o que mais, e vem uma coisa pequenininha do lado: PDF. Então, se quiser ler, você baixa o PDF; se não quiser ler, você não baixa; então realmente agora o texto é a última coisa. E não podemos falar mais nada! Não porque combinamos não contar, mas porque não conhecemos mesmo as possibilidades do digital e da plataforma; mas é certo que vai começar, claro, pela imagem e que temos de pensar nisto: uma revista que começa pela imagem.

Ivair Reinaldim

Esse número que estamos preparando, da Brígida Baltar, já estava encaminhado, e tentamos pensar o restante da revista. E, curiosamente, agora que tem toda a estrutura, o



que percebemos? Que é a primeira revista digital, mas ainda no *modus operandi* de uma revista impressa em P&B. Então, claro, o caderno de imagens da Brígida vai ser em cor, a página dupla pela primeira vez vai ser colorida.

Ronald Duarte

Não, já teve.

Ivair Reinaldim

Ok, uma exceção por conta de custo. Mas agora a primeira Página dupla vai ser colorida, no sentido de ser uma seção que não exige mais a questão do custo, mas o restante da revista está em preto e branco, porque, de fato, os autores já enviaram as imagens em P&B. Talvez nas traduções, por exemplo, consigamos inserir cor. Para o futuro, a questão é dos autores, que vão enviar as imagens em cor ou não; a decisão é deles ou então de quem for imprimir, ou não, o artigo. Então também tem um processo aí que se tem que entender, cujo *modus operandi* é outro.

Ronald Duarte

Eu queria voltar à construção das capas. Porque convidávamos o artista, falávamos que ele tinha que fazer uma obra inédita para a capa. Então, por exemplo, Antonio Dias; passei acho que três ou quatro dias indo ao ateliê dele para fazer essa capa do rifle. Não sei se já viram, tem um rifle e a palavra rifle na boca dele, ali; olha a boca do Dias é um rifle, estão vendo? E atrás tem a onça, e ele queria arrancar a pele da onça. Ele falou: “temos que achar uma onça, vamos achar uma onça”. Então procurou no arquivo dele e



achou uma onça em um fotolito. E falou assim: “essa onça serve para a gente matar; vamos tirar um pedaço da onça”. Então pegou a tesoura e cortou um pedaço da onça na prancheta dele, montando essa capa. Montamos a capa juntos, e ele botou ali a bandeirinha vermelha dele. E falava: “essa minha imagem tem que ser toda digitalizada, para que a boca fique como um rifle e aqui vai ter a palavra, uma montagem”. Como foi, por exemplo, a montagem magnífica das caras dos camelôs do Cildo Meireles; ele abriu uma mapoteca e tirou, assim, umas 200 caras de camelô, que era o estudo que ele fez, e falou: “Ronald, escolhe aí, vamos ver quais as caras que não têm nada a ver uma com a outra, para a gente juntar e fazer um mosaico enorme”. Então aquilo ficou uma coisa gigantesca, e eu falei: “Cildo, não vai caber na capa, temos que reduzir”. “Não, mas o camelô tem que ser pequenininho...” Então escaneei cada desenho daquele, para ter tudo reduzido, para ele colar e montar essa capa. Olha quantas carinhas do camelô, olha que loucura. Aquilo tudo era tamanho de papel A4, cada carinha dessa, entendeu? A do Eduardo Sued, por exemplo. Ele falou: “tem que ter um verniz localizado aqui”. “Mas eu não vou conseguir, não tem verba para isso”. “Então não vou fazer a capa! Aquele ali, ó, a preta. A parte preta tem um verniz localizado”. Então eu fui, parti para a gráfica e consegui fazer um verniz localizado em serigrafia, porque na gráfica não tinha como rodar aquele verniz localizado. Então as exigências eram um trabalho hercúleo, coisa de maluco. Fui para Belo Horizonte, para o ateliê de Amilcar de Castro; foi ótimo, eu ganhei uma supergravura dedicada a mim. Passei dois dias em Belo Horizonte para Amilcar pensar a capa, e ele tinha feito vários desenhos. No final do segundo dia, ele pegou um papel lá e botou um *a* e fez três *as*, e não gostou, fez outros três. E falou: “escolhe o melhor”. Eu escolhi esse aí. Ele falou: “acho que vou jogar fora esses dois”. “Não, leva de



presente para Glória.” “Para Glória Ferreira... toma um para você também”. Aí foi distribuindo, entendeu? Quer dizer, então a generosidade de cada artista, a atenção de cada artista, claro, o tempo de cada um, a história de cada um. Palatnik foi um rei, a entrevista foi maravilhosa, na casa dele, e a mulher dele ainda era viva, aquela pessoa magnífica. Eu lembro que Márcia Maldasara, uma fotógrafa amiga minha, foi para poder fotografar. Ela deve ter essas fotos do bate-papo e dele mostrando os trabalhos, dizendo: “Qual que você acha que encaixa melhor aqui? Não, deixa que eu vou fazer um especial”. E juntou vários trabalhos dele para poder fazer. Então só existe, na verdade, três gravuras: a do Palatnik, a do Sued e a do Dias. Tem essa preta, da Carmela Gross... é uma história linda... quando ela abre é uma homenagem a Glória Ferreira; está escrito “Glória”. Carmela também falou: “Ronald, faça para eu assinar para dar de presente para a Glória, para todo mundo ficar sabendo que é uma homenagem a Glória”. Ou seja, cada trabalho que foi pensado especificamente para revista, tinha essa ideia. Foi ideia de Lygia Pape, mas nunca tinha sido tão bem praticada quanto como a partir do Dias. Ele falou: “se a Lygia falou para fazer a capa, eu vou fazer e vou fazer inédita; vou fazer uma capa nova e vocês deveriam fazer uma gravura com isso, para fazer dinheiro para revista, para poder a revista melhorar”. Dias que deu a ideia de transformar em gravura, e Sued foi na mesma onda; também a entrevista com Sued, aliás, foi de um humor maravilhoso. No início, eu participava de todas as entrevistas, mas depois comecei a cansar. Comecei a escolher, ou ser defenestrado quando eram amigos muito íntimos. Maria Luisa dizia que eu não participaria de tal entrevista por ser muito íntimo e virar bagunça. Eu tenho gravada a entrevista de Lygia Pape e fiz um trabalho no galpão que eu coloquei Lygia conversando com Zilio; botei as duas entrevistas gravadas, editei as falas dos dois sobre



algum assunto que me interessava, que não lembro qual era, mas gravei os dois e fizemos uma caixa escura no galpão só para se ouvir a voz dos dois conversando quando se entrava naquele espaço. Pena que muita coisa se perdeu, mas muita coisa, se procurarmos, achamos e agora estamos montando o primeiro arquivo, agora vai ser digital.

Cezar Bartholomeu

Tem uma coisa engraçada aí, que é, logo que entrei, uma capa que não foi feita, a capa de Tunga. Tínhamos a intenção de realizar uma capa com Tunga, uma entrevista com ele, e então pedi: “Ronald, você é amigo do Tunga, vai lá sondar se ele vai realizar...” E ele voltou com a seguinte notícia: “Tunga não quer fazer entrevista, não quer fazer nada, ele quer fazer o que ele quiser. Vai fazer um desenho, vai fazer um exercício”. Então nos perguntamos quem poderia fazer um dossiê sobre Tunga. Viviane Matesco estava fazendo uma tese sobre Tunga. Ela escolheu os melhores textos, escreveu sobre ele e fizemos um portfólio de Tunga na revista. E Tunga topou e esqueceu a história. Só que a revista não pode mudar sua estrutura editorial por causa de ninguém; só se todo o grupo quiser mudar. Então o artista entrevistado foi o Antonio Manuel, e a capa é dele. Está aqui, Antonio Manuel, com o trabalho mais icônico da Bienal de Veneza; qualquer documentação de Bienal de Veneza tem esse trabalho aí. Então, seis meses depois de a revista ter sido lançada, escuto falar: “Tunga está bravíssimo!” “Por que Tunga está bravíssimo?” “Porque ele não é capa da revista, e [acha que] ele tinha que ser capa da revista”.



Ronald Duarte

Entreguei essa revista para ele, e ele falou: “Eu deveria estar na capa!” Eu falei: “Você que não quis”. “Mas, então, por que chamou o Antonio? não era eu o artista?” Expliquei: “mas você quis fazer do seu jeito, então organizamos um dossiê para você”. “Não aceito isso!” E ficou uma arara, mas já foi.

Público

Soube, agora, que não vai ser mais impressa! Não sabia! Também fico chateada. A plataforma vai ser um site? O que vai ser exatamente?

Ronald Duarte

Ainda vamos correr atrás para imprimir também. Mas é uma plataforma federal, todas as revistas acadêmicas estão submetidas. É uma plataforma da Capes-CNPq, a que todas as revistas acadêmicas deverão se submeter. Claro que vamos tentar dar a nossa cara, porém, na plataforma, você não tem o conteúdo total, não tem como baixar revista inteira. Então, quer dizer, você nunca vai ter o pensamento do número da revista nas mãos. Vai ter que ter um computador mega para ter todas as revistas. Então é isso que também estamos Tateando, procurando. Eu estou aprendendo, também, a questão da imagem. Como que as imagens vão se comportar em peso de imagem no computador de cada um que baixar essa imagem? Qual a qualidade se quiser imprimir? Nenhuma; então, quer dizer, você vai ter que se contentar com a imagem do computador. Se precisar imprimir ou mandar para alguém, ou projetar, também acho que não vai ser possível por conta do peso da imagem. Então são desafios que estamos encarando,



porém não sabemos o que vamos encontrar; por isso não temos muito o que dizer a respeito dessa nova revista; essa preocupação, entretanto, sempre houve, pelo menos de minha parte, como artista, de tentar ter a melhor imagem possível impressa na revista e também o máximo possível de imagem.

Roberto Conduru

Recebi a dica da organização do evento de que já podemos encerrar, mas sua fala, quando você mencionou os estudantes, fez retornar uma questão que eu tinha e que não expus, sobre o fato de, quando a revista foi criada e durante muito tempo de sua existência, a Escola de Belas Artes não ter curso de graduação em história da arte. Como a *Arte & Ensaios* é uma revista do programa de pós, em que medida a criação do curso de graduação impactou a revista e a revista impactou o curso? Em que medida ela pensa no envolvimento dos estudantes de graduação?

Cezar Bartholomeu

Em 2014, resolvemos abrir o corpo editorial da revista para a participação de alunos de graduação. Eles não teriam, a princípio, as tarefas que são reservadas à parte científica de dar parecer, etc., mas participariam de todas as discussões. Tivemos, a partir desse momento, um número muito baixo de envolvimento dos alunos de graduação, em parte porque não conseguimos divulgar suficientemente, mas também em parte porque nosso curso de graduação é extremamente pesado em termos de carga horária. Considerando o fato de que ele se situa no Fundão, os alunos perdem um tempo muito grande com deslocamento. Além disso o curso de história da arte, além da carga horária pesada, tem



uma carga de estágio que é absurda. Tem estudante aqui que deve saber bem disso. Eu acredito e nós temos interesse em receber esses estudantes, ou seja, a revista não existe apenas para produzir e veicular bibliografia para esses estudantes. Isso acontece já, mas gostaríamos de ter retorno na formação, também por parte dos estudantes. Embora a revista esteja inscrita, também, na UFRJ como projeto de pesquisa e extensão, a meu ver ela é laboratório. Isso também toca na questão lá da Inês, que deveria sempre estar em vista e ser, digamos assim, fomentada. Estamos agora nas vésperas de implementar, lá, uma revisão curricular exigida também pelo governo, e essa carga horária e a carga de estágio dos estudantes de graduação e dos estudantes de história da arte vão cair muito. Então eu antecipo uma participação mais ativa por parte deles, mas há uma segunda coisa. Os alunos de história da arte resolveram fazer uma revista. Também muito a partir de discussões, eles me chamaram em reunião, exatamente no momento em que nós estávamos realizando esse número voltado para a crítica de arte. Por acaso, coincidiu com o pós-doutorado do professor Paulo Venancio, que já foi editor da revista, e eu fui chamado a dar a matéria de crítica de arte, então os alunos ficaram muito mobilizados com o processo e resolveram criar uma revista própria. Uma revista toda linda e autônoma. Ou seja, é uma revista deles, e eu considero isso uma vitória de algum modo. Infelizmente ela toma um pouco os moldes das acadêmicas, ou seja, ela recebe exatamente a falta de agilidade, em alguma medida, da *Arte & ensaios*. A meu ver, eles não precisariam disso porque poderiam exatamente exercitar o problema da crítica de arte de um modo extremamente ágil e só teriam a ganhar; mas isso é decisão deles e do próprio desenvolvimento deles como historiadores.



Público

Qual o nome da revista?

Cezar Bartholomeu

Desvio.

Público

É impressa?

Cezar Bartholomeu

Não, ela é virtual: <https://revistadesvioblog.wordpress.com/>

Roberto Conduru

Então, agradecendo mais uma vez a Ronald, Ivair, Maria Luísa, Cezar, Elisa e a todos vocês, nós encerramos mais esta etapa.



LISTA DE IMAGENS

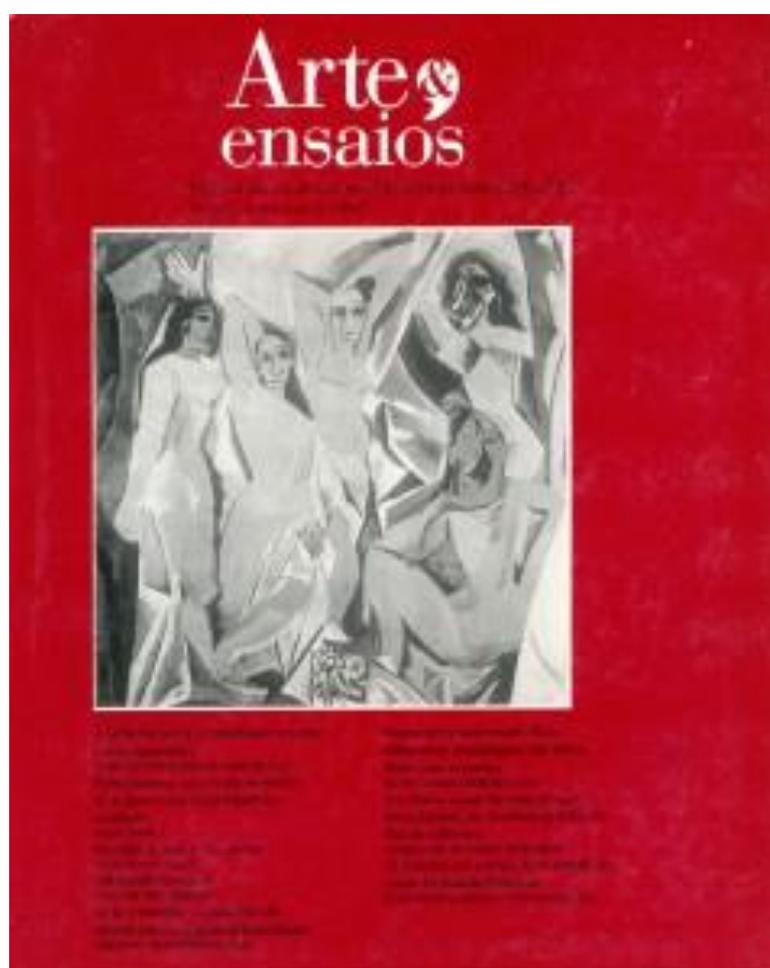


Figura 1: Capa da revista *Arte & Ensaio*, n. 4, 1997. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae>; <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaios/>



Figura 2: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 6, 1999. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae>; <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaios/>

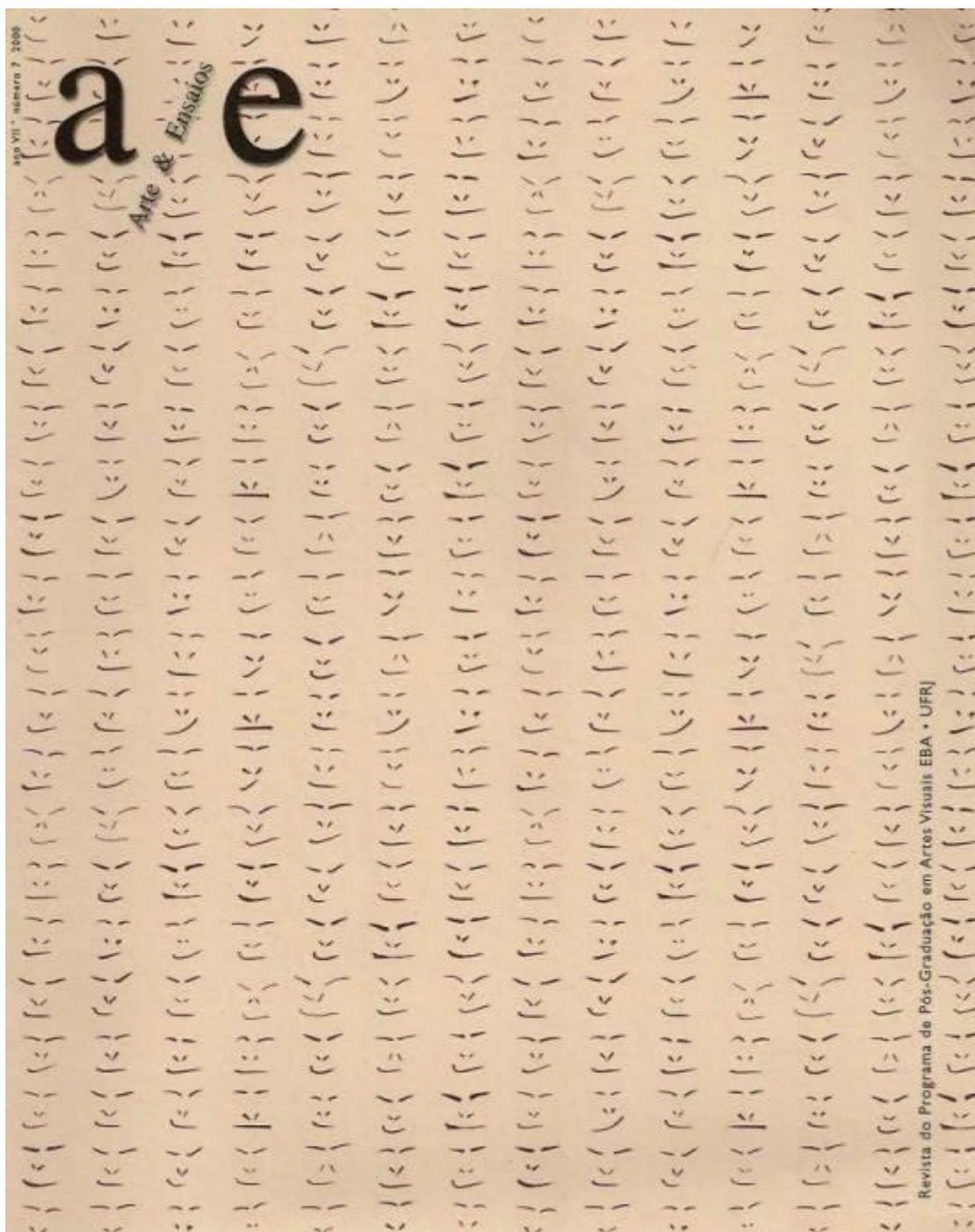


Figura 3: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 7, 2000. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae>; <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaios/>



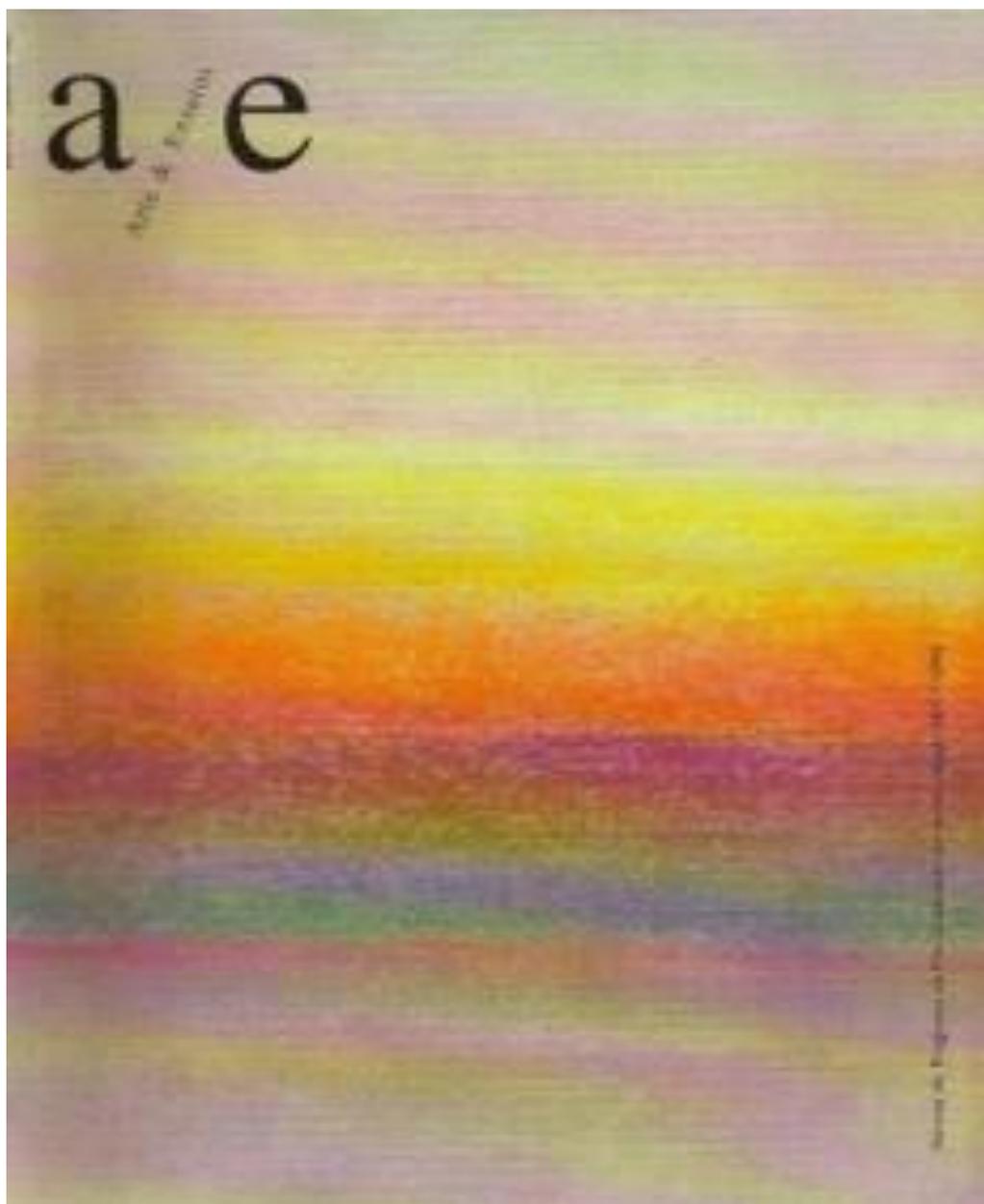


Figura 4: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 8, 2001. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae>; <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaios/>

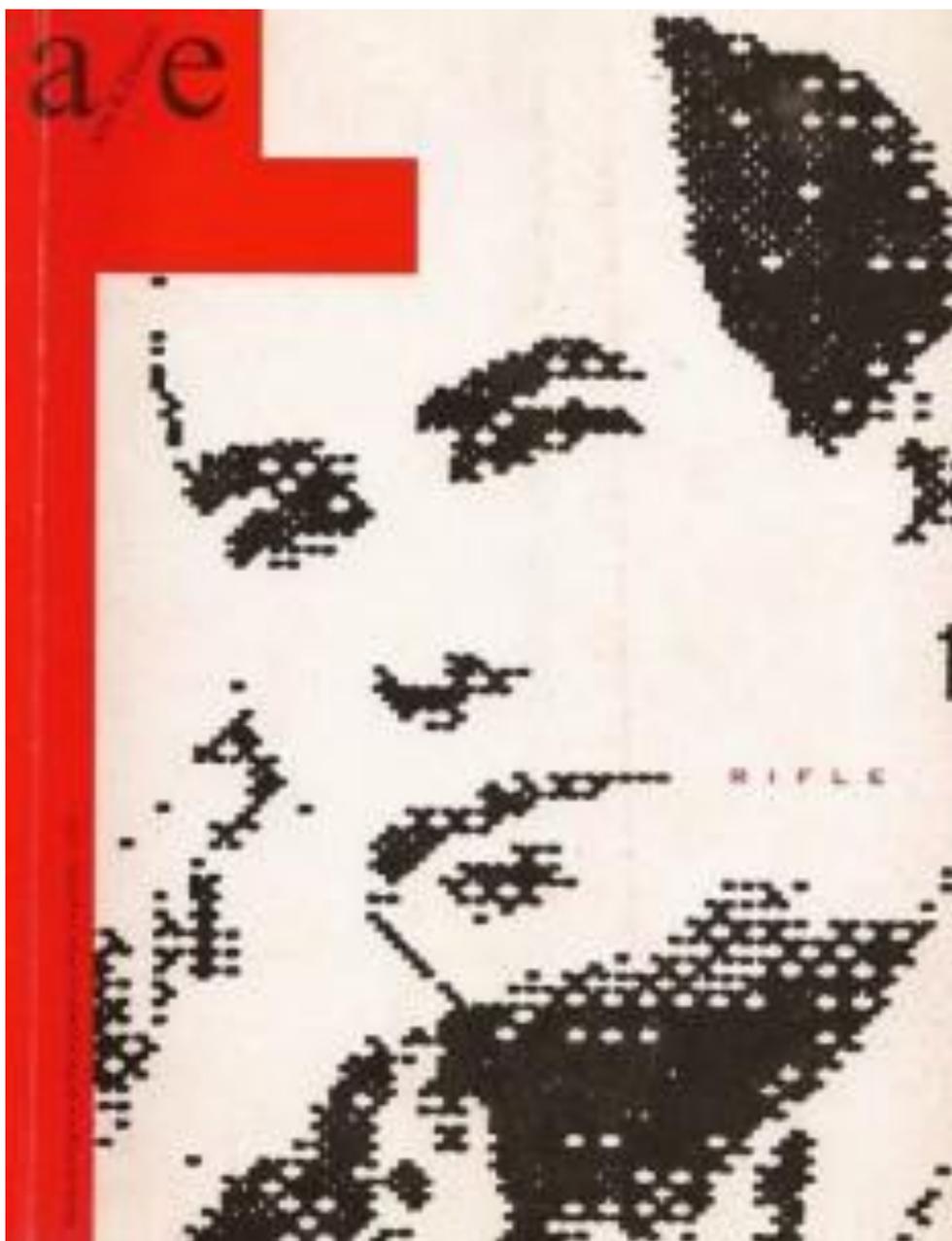


Figura 5: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 9, 2002. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae>; <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/artes-e-ensaios/>



Figura 6: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 10, 2003. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae>; <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/artes-e-ensaios/>



Figura 7: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 11, 2004. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae>; <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaios/>

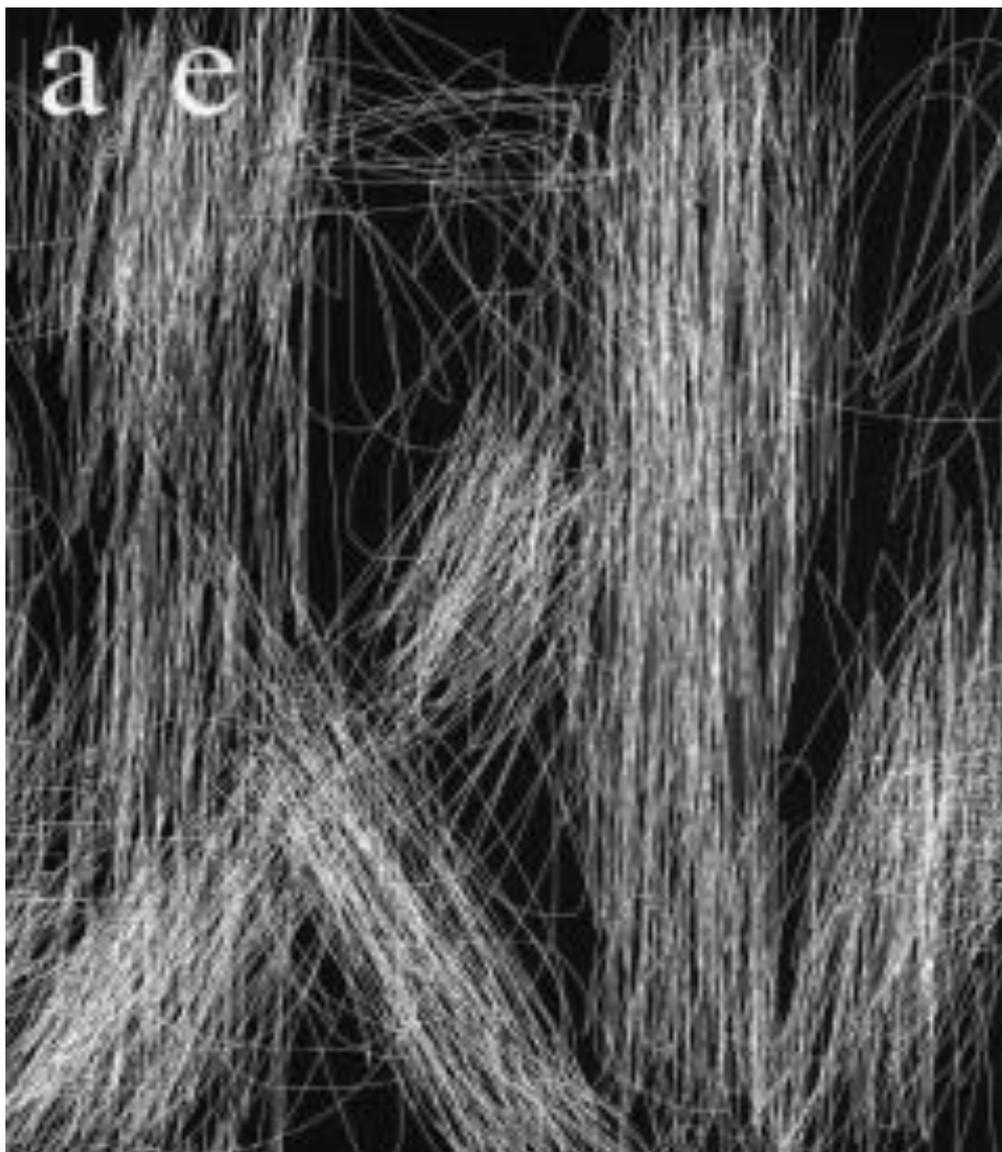


Figura 8: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 12, 2005. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae;>
<http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaios/>



Figura 9: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 14, 2007. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae;>
<http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaios/>

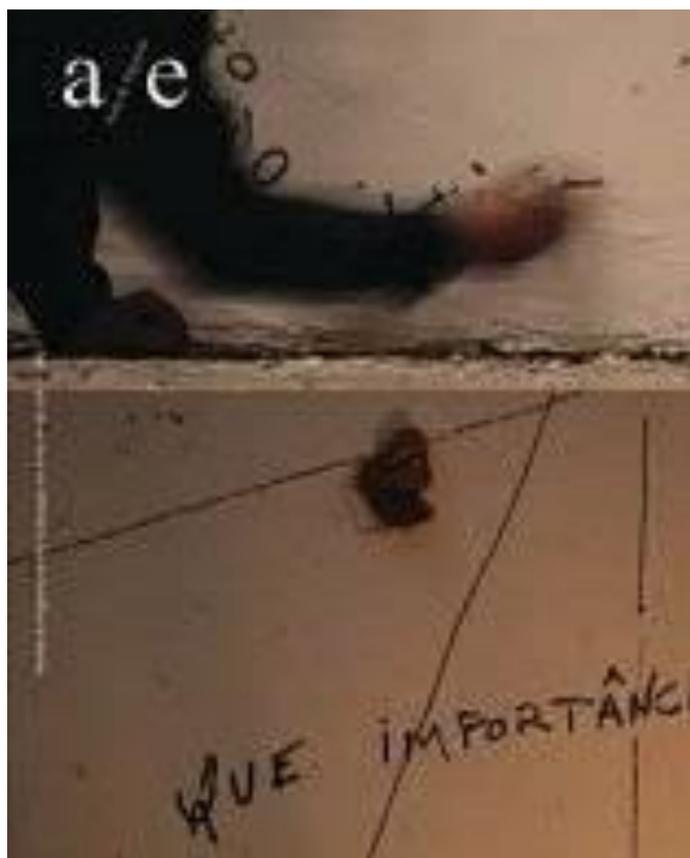


Figura 10: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 17, 2008. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae>; <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaios/>

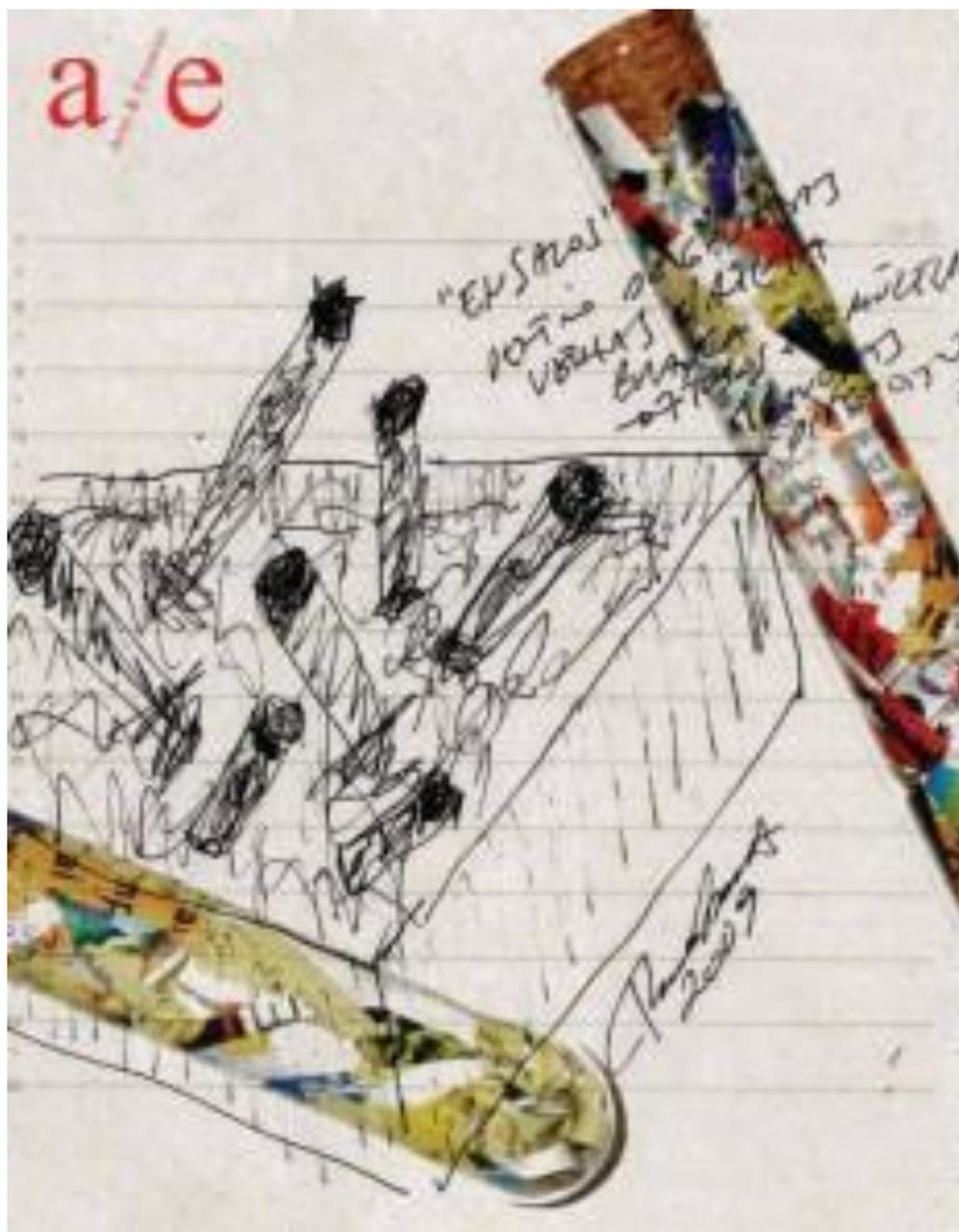


Figura 11: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 19, 2009. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae;>
<http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/artes-e-ensaios/>

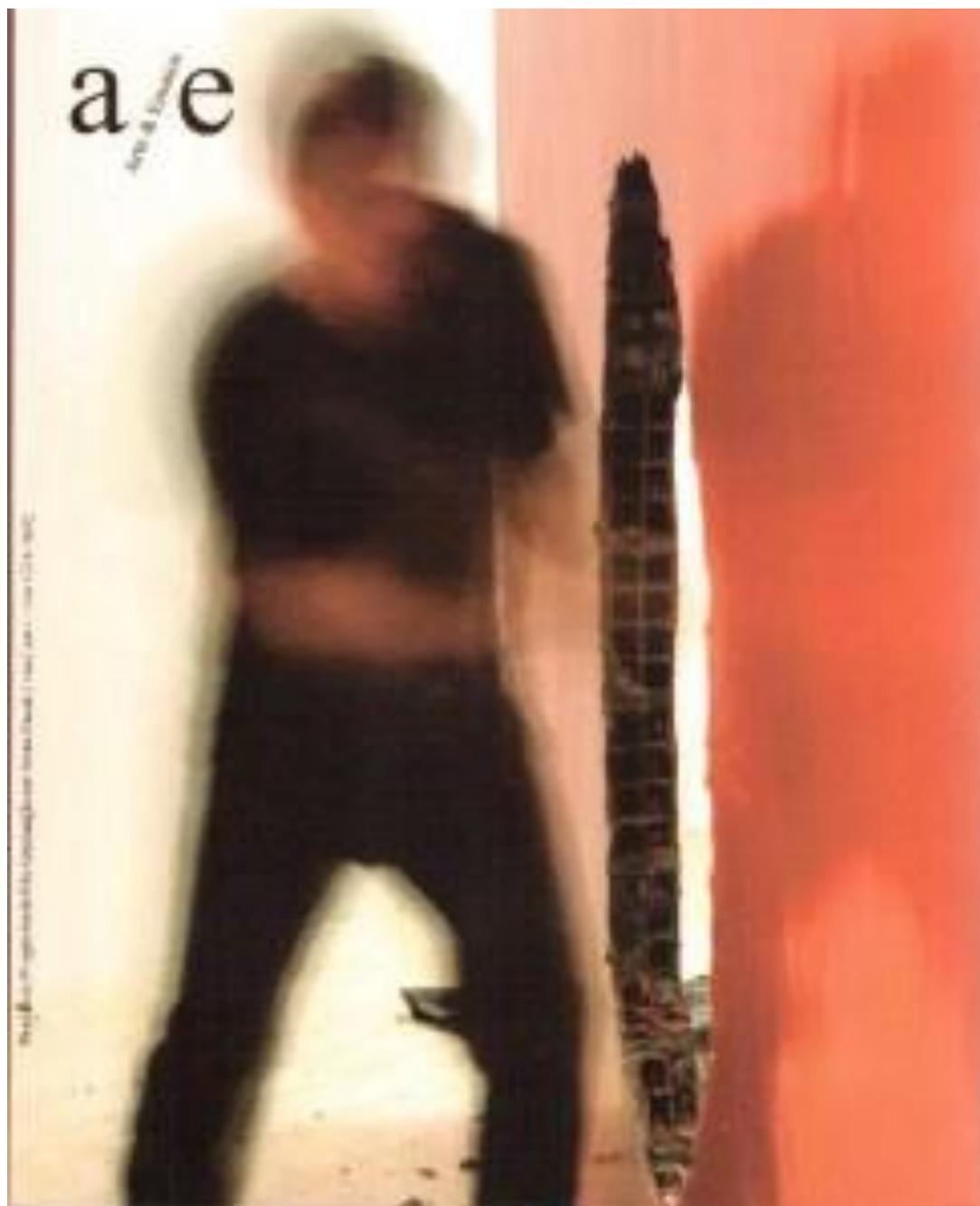


Figura 12: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 22, 2011. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae;>
<http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaios/>



Fonte 13: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 24, 2012. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae;>
<http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaios/>

a e
Arte & Ensaios

Figura 14: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 27, 2013. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae>;
<http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaios/>





Figura 15: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 28, 2014. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae>; <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaios/>



Figura 16: Capa da revista *Arte & Ensaios*, n. 30, 2015. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae>; <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaios/>

a e
Arte & Ensaíos



Revista do Programa de Pós-Graduação em Artes Visuais EBA • UFRJ

Figura 17: Capa da revista *Arte & Ensaíos*, n. 33, 2017. Fonte: <https://revistas.ufrj.br/index.php/ae>; <http://www.ppgav.eba.ufrj.br/publicacoes/arte-e-ensaíos/>

